A CONCEPÇÃO DE SUPER-HOMEM COMO UM PROCESSO DE TRANS-FORMAÇÃO HUMANA

Enock da Silva Peixoto[1]

Resumo: O artigo analisa a relação do termo "super-homem", presente na filosofia de Friedrich Nietzsche, com uma perspectiva de educação que prioriza a transformação humana. Pretende-se demonstrar que para esse filósofo é mais coerente pensar a educação como um processo mais de transformação do que de formação, pois na perspectiva nietzschiana, a ideia da formação remete a visões estáticas de ser humano, enquanto a transformação remete ao seu sentido como um devir vital. No itinerário de enfrentamento a essas questões é preciso analisar: quem é o super-homem de Nietzsche e qual a sua relação com a educação? O aprofundamento sobre o tema parte do estudo dos conceitos de gênio, espírito livre e super-homem, cada qual elaborado em uma das três fases do pensamento nietzschiano: metafísica de artista, positivismo e consolidação da obra, respectivamente. O texto aborda a relação de continuidade e descontinuidade entre esses três conceitos e mostra como a partir da ideia de super-homem é possível encontrar uma visão educativa que remete à transformação humana.
Palavras-chave: super-homem; educação; formação; transformação.

EL CONCEPTO DE SUPERHOMBRE COMO UN PROCESO DE TRANS-FORMACIÓN HUMANA

Resumen: El articulo analisa la relación del término "superhombre", desde la filosofía de Friedrich Nietzsche, por una perspectiva de educación la cual prioriza la transformación humana. Se pretende demostrar que para ese filósofo lo más coherente es pensar la educación como un proceso más de transformación que formación , puesto que la perspectiva nietzschiana, la idea da formación se refiere a miradas estáticas del ser humano, mientras la transformación se refiere a su sentido como un devenir vital. Al afrontar esas cuestiones se hará necesario el análisis: ¿quién es el superhombre de Nietzsche y cómo relacionarla con educación? La profundización sobre el tema parte desde los conceptos de genio, espíritu libre y superhombre, cada cual elaborado en una das tres fases del pensamiento nietzschiano: metafísica del artista, positivismo y consolidación de la obra, respectivamente. El texto trata de la relación de continuidad y discontinuidad entre esos tres conceptos y enseña como a partir de la idea de

[1] Enock da Silva Peixoto: docente I da Secretaria de Educação do Estado do Rio de Janeiro. Licenciado em Filosofia pela UNISAL (Universidade Salesiana); Licenciado em Pedagogia pela UNIRIO - Cederj (Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro). Mestre em Educação pela UNIRIO. Integrante do grupo GEN: grupo de estudos nietzschianos da UNIRIO. E-mail: enockpeixoto@hotmail.com.

superhombre se puede encontrar una visión educativa que se refiera a la transformación humana.
Palabras claves: superhombre; educación; formación; transformación.

THE OVERMAN CONCEPT AS A PROCESS OF HUMAN TRANSFORMATION

Abstract: The article analyzes the meaning of "overman", present in the philosophy of Friedrich Nietzsche and his educational perspective that prioritizes human transformation. It is intended to demonstrate that this philosopher has the most coherent thinking about education as a transformation and development of the human being. We discuss the idea of training that refers to static visions of the human being, while the transformation refers to his sense as a becoming vital. Confronting these questions we need to examine: what is the "over-man" according to this philosopher and what is its relationship with education? Deepening the subject of the study of genius concepts, free spirit and "over-man", each prepared in one of three phases of Nietzsche's thought: Artist metaphysics, positivism and work consolidation, respectively. The text addresses the relationship of continuity and discontinuity between these three concepts and shows how he finds in the Superman idea an educational vision relevant to human transformation.
Keywords: "Over-man"; Education; Formation; Transformation.

1 O gênio

O conceito de gênio aparece pela primeira vez em "O nascimento da tragédia", a primeira obra publicada por Nietzsche, pertencente à primeira fase de sua construção filosófica[2], e se refere àquele indivíduo capaz de gerar a partir da natureza produtos culturais que vão além da sociedade esgotada (OLIVEIRA JÚNIOR, 2004). Os modelos de gênio que Nietzsche apresenta neste momento de sua obra são Wagner e Schopenhauer, embora posteriormente o filósofo tenha mudado de posição em relação a esses personagens. O gênio é aquele que busca a autossuperação[3], divergindo do tipo fraco, que visa a autoconservação[4] (OLIVEIRA JÚNIOR, 2004). O surgimento do gênio

[2] Scarlett Marton (1990) está entre os diversos comentadores que divide a obra nietzschiana em três fases: a primeira, na qual existe a influência de Wagner e Schopenhauer é denominada "metafísica de artista"; a segunda é denominada "científica" ou "positivista", período em que o filósofo supera a exaltação da metafísica da arte, valorizando a "gaia ciência"; o último momento de sua construção filosófica ocorreu após o Zaratustra e foi designado de "consolidação da obra".

[3] A interpretação para o conceito de autossuperação não é único entre os comentadores da filosofia nietzschiana. Para José Amorim de Oliveira Júnior (2004, p. 72), esta significa intensificação, segundo o autor: "[...] possivelmente das forças e impulsos vitais, a intensificação da vida, pois a vida é o referencial para se auto-superar, ou seja, quanto mais pleno de vida um indivíduo se torna, mais se autossupera".

[4] Nietzsche critica Darwin pelo fato de o biólogo privilegiar aspectos secundários da vida. O cientista inglês a defende como autoconservação, como luta pela sobrevivência, aspectos que são apenas exceções (BARRENECHEA, 2009, p. 61).

é um milagre fortuito da natureza. O filósofo alemão afirma que "cada homem, com o conjunto dos seus atos, tem dignidade à medida que é instrumento do gênio" (NIETZSCHE, 1996, p. 53) e continua: "o indivíduo é chamado a lutar pela cultura e a opor-se a todas as influências, hábitos, leis e instituições nos quais não reconheça a sua própria meta [...] a criação do super-homem" (NIETZSCHE, 1990, p. 239). Observemos que é admitida a importância das instituições para que nasça o gênio, mas o seu surgimento é também fruto do esforço humano. O filósofo atesta essa questão ao afirmar que:

> Só não falem de dons e talentos inatos! Podemos nomear grandes homens de toda espécie que foram pouco dotados. Mas adquiriram grandeza, tornaram-se "gênios" [...] todos tiveram a diligente seriedade do artesão, que primeiro aprende a construir perfeitamente as partes, antes de ousar fazer um grande todo. (NIETZSCHE, 2000, p. 125).

Esta é uma significativa análise para a proposta deste artigo, pois se para que o gênio emergisse dependesse apenas do acaso, não faria nenhum sentido discutir esse tema relacionado ao ato de educar, portanto, a educação deve ser um meio que favoreça o surgimento desse espírito singular. Como comenta Rosa Dias (1991, p. 81), "o nascimento do gênio, embora não dependa da cultura, foi um amadurecimento no seio da cultura de um povo, numa prática que o protege e aquece". Mas afinal, o que é o gênio para Nietzsche? Uma das passagens de "Humano, demasiado humano" contribui para este esclarecimento:

> [...] até a madura liberdade do espírito, que é também autodomínio e disciplina do coração e permite o acesso a modos de pensar numerosos e contrários – até a amplidão e refinamento interior que vem da abundância, que exclui o perigo de que o espírito porventura se perca e se apaixone pelos próprios caminhos e fique inebriado em algum canto; até o excesso de forças plásticas, curativas, reconstrutoras e restauradoras, que é precisamente marca da grande saúde, o excesso que dá ao espírito livre o perigoso privilégio de poder viver por experiência e oferecer-se à aventura: o privilégio de mestre do espírito livre! (NIETZSCHE, 2000, p. 10-11).

O caminho do gênio é solitário, penoso e por ser original, gera mal-entendidos. Os homens comuns se ocupam com o que é útil, o gênio, porém, ultrapassa as motivações interesseiras da vida, ele é um destino, um instrumento do fundo criador da vida (DIAS, 1998). A sociedade por meio da educação deve contribuir para o surgimento do gênio, o seu nascimento pode ser incentivado ou aniquilado, mas embora sendo raro, ele é uma luz, um destino, um horizonte que traz novos dinamismos para a vida. Samantha Vieira

(2011, p. 76) menciona a importância e necessidade de se criar as condições para que surja o gênio.

> à cultura de massa Nietzsche contrapõe uma cultura voltada para o surgimento dos grandes gênios, a saber: indivíduos que deixariam sua marca original para os tempos vindouros e serviriam como parâmetro seguro para avaliar a grandeza de sua época [...] para que a genialidade de alguns aflore é necessário que haja respaldo nas salas de aula, a fim de que os talentos sejam desenvolvidos e trabalhados para o benefício tanto de quem os possui, quanto da coletividade como um todo.

O gênio pode ser fruto do "acaso", pode inclusive surgir em situações adversas, sendo contrário ao seu tempo, pode ter a cultura como um suporte que favorece a sua gênese, mas pode também ser incentivado, criando-se as condições necessárias para que este possa eclodir. É exatamente esse o ponto essencial no qual o termo pode ser associado à educação, cuja existência só faz sentido se favorecer o seu surgimento das exceções[5]. Nesse ponto, uma visão educativa analisada pela via do gênio se opõe a uma formação humana massificada que trata os indivíduos como iguais, sem considerar a singularidade de cada um. Valorizar o surgimento do gênio é incentivar o que é próprio e essa postura difere de uma concepção humana que prevalece na nossa cultura, quase de modo predominante, que é tratar os diferentes como se fossem iguais, prioriza-se aquilo que Nietzsche denomina como atitude *gregária* em contraponto com a afirmação sobre o que é singular em cada discente[6].

2 O espírito livre

O termo "espírito livre" faz parte da denominada segunda fase do pensamento nietzschiano, na obra "Humano, demasiado humano", aparecendo em seu subtítulo: "um livro para espíritos livres", sendo esse o primeiro aparecimento dessa expressão. Nietzsche (2000, p. 257) aborda a questão da seguinte maneira:

> É chamado de espírito livre aquele que pensa de modo diverso do que se esperaria com base em sua procedência, seu meio, sua posição e

[5] No fragmento póstumo XI 35/47, de maio de 1885 e no XII 9/153, do outono de 1887, o filósofo escreve sobre a necessidade de surgir uma educação para o surgimento consciente das exceções, daqueles donde pode "nascer" homens superiores, isto é, dos indivíduos que não são regra, que criam seus próprios valores.
[6] Não legitimamos quaisquer interpretações do parágrafo anterior que sinalizem para uma compreensão literal do que Nietzsche ou do que nós afirmamos acima. O filósofo alemão se comunica por metáforas e aforismos para que o leitor precise filosofar no ato mesmo de ler sua filosofia. Muito mais que sugerir a exclusão dos "intelectualmente fracos", suas análises criticam, do ponto de vista da formação humana, posturas educacionais complacentes, ressentidas e decadentes. É uma ode à autossuperação e à cultura formativa aguerrida, e à superação da "moralina" pietista cristã.

> função, ou com base nas opiniões que predominam em seu tempo. Ele é a exceção, os espíritos cativos são a regra.

Ao comentar *"*Humano, demasiado humano", Oliveira Júnior (2004) afirma que o espírito livre é aquele que afirma incondicionalmente a existência, despertando a vontade e desejo de ir avante. Esse espírito tem uma impetuosa e perigosa curiosidade por um mundo inexplorado. Observemos que a segunda fase do pensamento do filósofo alemão é denominada de "período positivista" devido ao seu caráter científico, crítico, tendo a concepção de espírito livre, característica de contestação. "Quanto maior resistência se oferece ao espírito livre, mais condições e possibilidades ele tem de exercer sua liberdade, aquilo que o caracteriza" (OLIVEIRA JÚNIOR, 2004, p. 149).

Qual é a contestação, o embate do espírito livre? Serão os produtos da civilização ocidental o objeto da sua crítica. Aqueles valores socrático-platônicos e cristãos que minimizaram a força humana e da cultura. Eles não favoreceram, segundo Nietzsche, o emergir de indivíduos singulares que constroem sentidos para a vida a partir de si mesmos. A construção do destino e sentido para a vida foi baseado quase que exclusivamente em forças externas a si. Segundo Fink (1993), o espírito livre, por sua vez, é um renovador e criador de novos valores é aquele que se rebela contra toda a autoridade, contrário à obediência incondicional.

Durante o período no qual ocorrera a fase "metafísica de artista", quando o pensador alemão estava ligado à metafísica de Schopenhauer e à música de Wagner, e também no segundo período, no qual o filósofo estava mais relacionado à "gaia ciência", há uma ruptura entre os conceitos de gênio e espírito livre? Há relação entre os termos, embora seja rara, segundo Oliveira Júnior (2004). Não há separação absoluta dos termos, entretanto, conforme o comentário de Barrenechea (2009, p. 4): "o espírito livre deve estar atento à suspeita, ao questionamento racional de todos os produtos da civilização, enfatizando uma racionalidade, diferenciada que leva em conta o corpo, os impulsos, os instintos, no que se afasta, portanto, do gênio."

Os dois conceitos têm objetivo de superar o instinto de conservação presente na sociedade ocidental, buscam indivíduos superiores que superam a si mesmos, ambos são um caminho em direção ao super-homem que estabelece com aqueles uma relação de continuidade e superação.

Após essa breve análise sobre o gênio e o espírito livre, precisamos nos deter na relação destes com o super-homem. Nietzsche não abandonará os dois conceitos anteriormente estudados ao introduzir o termo de super-homem. Segundo Oliveira Júnior

(2004), é possível destacar pontos de ruptura e continuidade entre eles, pois o filósofo faz os termos gênio e espírito livre coexistirem de modo que um não substitua o outro. Com a introdução do termo super-homem, porém, os outros dois conceitos ficam ofuscados. Neste ponto, é importante ressaltar que a introdução do conceito de "eterno retorno" contribui para que a concepção de super-homem ultrapasse as anteriores; "o super-homem é, de alguma forma, parente das noções de gênio e espírito livre, todos criadores e críticos da cultura, mas ultrapassa-os [...] pela afirmação do eterno retorno" (BARRENECHEA, 2003, p. 2). O eterno retorno é a afirmação incondicional da existência, concebe o tipo criativo, destituído das atribuições sociais do gênio e da crítica negativa do espírito livre, é o tipo afirmador por excelência, é um criador de valores, é uma genealogia do super-homem (OLIVEIRA JÚNIOR, 2004). Podemos inferir desta interpretação que há um caminho que percorre o gênio, passa pelo espírito livre e culmina no super-homem, podendo ser interpretada, na nossa visão, como um decurso pedagógico. Nesse contexto, a educação deve ser organizada de tal modo que possa favorecer o surgimento deste homem-superior, afirmando a vida não obstante o seu aspecto trágico[7]. Como sustenta Frezzatti Júnior (2006, p. 179):

> O gênio nietzschiano forma-se por meio de um processo educacional, mas que não se assemelha nem um pouco a um direcionamento da escolha de possibilidades definidas e existentes *a priori* em um "arco cultural". A formação do gênio ocorre em meio a um conflito de impulsos por mais potência: o gênio é conjunto de impulsos que impõe uma determinada perspectiva ou estilo para manter suas condições de potencialização [...].

O processo educativo que Nietzsche apresenta na fase madura de sua obra está em continuidade com a sua análise da juventude, fixa-se sempre a crítica da cultura decadente que deve ser superada para emergir o homem superior. A busca em todos os momentos de sua obra é pela exceção. "A meta da educação seria ajudar a natureza a criar um exemplar individual superior, impedir a massificação e o nivelamento da cultura, manter a cultura independente do Estado" (FREZZATTI JÚNIOR, 2006, p. 184). O filósofo está preocupado com o surgimento de "modelos" que possam impulsionar a cultura, de homens que afirmem a vida, que com as suas existências buscam a superação sempre. "Assim que um estado seja perfeitamente dominado, é necessário tentar atingir outro"

[7] A noção de trágico em Nietzsche está associada à forma como o ser humano assume a sua vida. A atitude trágica ocorre quando assumimos os aspectos positivos e belos da existência, mas também aqueles que são difíceis, dolorosos e tensos. Nada deve ser eliminado da existência. Conforme afirma Machado (1997, p. 152): "Assumir a tragicidade da vida é ter a mais dura e terrível percepção desta, não encontrando nisso objeção contra o eterno retorno da vida" (MACHADO, 1997, p. 152).

(Fragmento Póstumo X 16 (50), de outubro de 1883). Como afirma Frezzatti Júnior (2006, p. 186), "a preocupação do filósofo sempre fora com a educação e não com a instrução escolar e a erudição livresca, a primeira tem um sentido mais geral, por ser entendida como unida à vida". Educação, para Nietzsche – sobretudo quando ele elabora a concepção de super-homem –, ultrapassa as questões específicas relacionadas à educação institucionalizada, passa a ser um processo cultural de condução do indivíduo em direção à contínua superação, à constante intensificação da vida.

3 O super-homem e a educação

Afinal, o que é o super-homem de Nietzsche? Observemos o que afirma o próprio filósofo, ao dizer o que o super-homem não é (NIETZSCHE, 1995 p. 53-54):

> [...] palavra que na boca de um Zaratustra, o aniquilador da moral, dá o que pensar, foi entendida em quase toda parte, com total inocência, no sentido daqueles valores cuja antítese foi manifestada na figura de Zaratustra: quer dizer, como tipo "idealista" de uma mais alta espécie de homem, meio "santo", meio gênio.

O super-homem não é nada que esteja associado ao idealismo, algo que signifique um melhoramento humano, uma força extra-humana, um semideus, "meio santo", "meio gênio". Oliveira Júnior (2004) apresenta algumas posturas equivocadas na interpretação do que seja o super-homem e é válido ressaltar a crítica que o comentador faz a Turcke, um dos pensadores que considera Nietzsche um idealista. Turcke afirma que o homem sem ideal, sem fraqueza, é um ideal por excelência, que visa um ser soberano, plenamente em concordância com a vida, tal ser, e continua ele, é inexistente senão como um desejo presente nas cabeças humanas, Nietzsche torna-se um utopista, não consegue fugir totalmente das ideias (OLIVEIRA JÚNIOR, 2004). Este é um exemplo de compreensão idealista do super-homem.

Outro equívoco importante de ser apresentado é a concepção de super-homem como aniquilamento dos fracos. Em vários momentos de sua obra, o filósofo expõe a multiplicidade dos tipos, isto é, formas diferentes de expressão do homem superior. O tipo criado por Nietzsche é capaz de superação contínua, não sustenta o que os demais tipos devem ser eliminados, mas inclusive nega tal proposta, o movimento de superação, movido por dominação, implica a manutenção dos combatentes, não a sua eliminação (OLIVEIRA JÚNIOR, 2004). O homem verdadeiramente forte, que busca a superação, não quer a eliminação do fraco, "deve ocupar-se da superação de si; ao invés de investir

na eliminação daqueles considerados incapazes, fracos ou doentes, deve-se procurar a superação, ou melhor, a autossuperação" (FREZZATTI JÚNIOR, 2002, p. 140). Nietzsche, portanto, não intenciona eliminar os que não contém uma potência intensa, estes são necessários para o surgimento do forte, do homem superior. O filósofo conta que Cellini, ao fundir a estátua de Perseu, diante da possibilidade de faltar a massa liquefeita, misturou pratos e travessas e outros materiais e comparando este episódio ao surgimento do gênio ele comenta: "De igual modo aquele gênio lança dentro erros, vícios, esperanças, ilusões [...] tanto de metal nobre como de metal vil, porque a estátua da humanidade tem que ser produzida e completada; que importa se aqui e ali foi empregado material inferior?" (NIETZSCHE, 2000, p. 176). Aos equívocos que apresentamos devemos pelo menos citar a apropriação por parte do nazismo da figura do super-homem, que se encontra dentro dessa categoria de eliminação do mais fraco, do inferior, que decididamente fora um infeliz erro que não está de acordo com a filosofia nietzschiana[8].

Tendo apontado alguns equívocos sobre a interpretação do que seja o super-homem, nos ateremos em analisar aquilo que este é. Seguiremos a interpretação de Roberto Machado[9] que prefere a tradução super-homem para a palavra alemã "ubermensch". O super-homem aparece pela primeira vez nas obras de Nietzsche em "Assim falou Zaratustra". O personagem Zaratustra chega à praça do mercado, o lugar que simboliza a atitude gregária, o comportamento dominado por forças coletivistas, nocivas à afirmação do que é mais genuíno em cada ser humano. Neste lugar de atitudes sabujas ele encontra uma multidão a quem anuncia aquele que simboliza o reverso do *espaço público*, por remeter a singularidade humana - o super-homem: "Eu vos ensino o super-homem. O homem é algo que deve ser superado" (NIETZSCHE, 2010, p. 17). O anúncio do super-homem traz junto a si uma exigência fundamental, a morte de Deus[10]. Deus precisa morrer para que possa surgir o super-homem. No início da narrativa do percurso existencial de Zaratustra, após ter passado dez anos de solidão nas montanhas,

[8] Indicamos para aprofundamento dessa questão, sobre o equívoco da atribuição da filosofia nietzschiana com o nazismo, a obra de Scarlett Marton: "Nietzsche, filósofo da suspeita" e as "Cartas de Nietzsche", nas quais fica evidente a crítica do pensador frente ao antissemitismo presente na Alemanha do seu tempo.

[9] Roberto Machado comenta que super-homem é a melhor tradução para "ubermensch", e entre as razões que expõe para essa fundamentação defende que "é importante manter a correspondência entre "super-homem... "super- herói"... "superespécie"... "superar" autossuperação"... para indicar mais claramente que o sentido de "super homem" é dado pelo processo de autossuperação" (MACHADO, 1997, p. 45).

[10] O tema da *morte de Deus* é anunciado por Nietzsche pela primeira vez no aforismo 125 de *A gaia ciência*, intitulado *O insensato*, no qual o filósofo afirma: "Onde está Deus? [...] Nós o matamos, vocês e eu! Nós todos somos seus assassinos! [...] Aquilo que o mundo possuía até então de mais sagrado e mais poderoso perdeu seu sangue sob nossas facas [...]".

Nietzsche cita que ao descer, Zaratustra encontra um velho eremita que o repreende por estar voltando para entre os homens a fim de ensiná-los. Esse homem idoso, que é símbolo da decadência, remete a alguém que esteve muito tempo entre os humanos, mas se desiludiu e desistiu de conviver entre eles, preferindo a solidão, tendo apenas a divindade como companhia. Ele anuncia que Zaratustra deve reservar o seu amor a Deus e não aos homens, criaturas demasiadamente imperfeitas para serem amadas. E Zaratustra, admirado com a ignorância do eremita reflete: "Este ancião, em sua floresta, ainda não ouviu dizer que Deus morreu"? (NIETZSCHE, 2010, p. 35).

O filósofo está defendendo que a ideia de Deus, símbolo do idealismo, representado, sobretudo pela tradição cristã e platônica dissociou o homem da terra[11], da existência, ficando este envolto em dar uma significação para a vida, tendo como referência o além, a realidade supraterrena. Diante disso, Zaratustra admoesta: "Eu vos exorto meus irmãos! Permaneceis fiéis à terra e não acrediteis naqueles que vos falam de esperanças supraterrenas. São envenenadores, quer o saibam ou não!" (NIETZSCHE, 2010, p. 18). Com o anúncio do super-homem, Nietzsche quer dar um sim à vida, à existência terrena, ao corpo, que foram historicamente negados. O sentido da terra reverencia o corpo e as forças que brotam da vida. "Caminha numa direção distinta ao mundo transcendente, da concepção metafísica ocidental que, ao contrário, exalta os valores da vida eterna da concepção platônica [...]" (DAMASCENO, 2008).

Quem é o super-homem então? É a superação do homem, "que não deve se apegar à sua condição atual, não deve se limitar nem aceitar as limitações que lhe são impostas: ele deve se autossuperar, incontinente e continuamente [...]" (OLIVEIRA JÚNIOR, 2004, p. 167). A interpretação deste itinerário em direção à autossuperação não ocorre em função de um fim determinado, metafísico, mas o seu sentido é a terra, o mundo real, a existência concreta, assim como ela se apresenta. Sobre isso, afirma Nietzsche (2010, p. 38) que:

> O homem é uma corda estendida entre o animal e o super-homem. Uma corda sobre um abismo [...]. O que é grande no homem, é ser ponte, e não meta. O que se pode amar no homem, é ser uma transição e um ocaso. Amo aos que não sabem viver senão no ocaso, porque estão a caminho do outro lado.

[11] O sentido do termo terra é assim interpretado por Miguel Angel Barrenechea (2009, p. 10): "A valorização da terra é o corolário da crítica da crença em ultramundos, em supostos mundos do além. A proposta de fidelidade à terra exige a afirmação da vida em todas as suas manifestações, abdicando das fantasias escatológicas, da fuga para supostos mundos ideais".

Segundo Roberto Machado (1997), o super-homem é superação, ultrapassagem do homem do que o homem fora no passado e da sua crença em Deus. O homem ao tomar a atitude de admitir convictamente a morte de Deus porque superou todas as formas de negação da vida, não há mais nenhuma obrigação com o além-mundo. Ele pode a partir desta atitude criar o seu destino, o seu caminho, sem que o seu "corpo-mente" esteja escravizado por uma ilusão estabelecida "atrás das estrelas", ele dá um sim incondicional à vida. Mas houve um perigo quando o homem moderno matou Deus para tentar afirmar a si mesmo. Ele incorreu no risco de criar outras formas danosas de niilismo, conforme acentua Machado (1997, p. 62):

> Se há ruptura entre o niilismo reativo, moderno da morte de Deus, e o niilismo negativo do cristianismo e da metafísica, a continuidade entre estas duas formas de niilismo é muito mais fundamental: a desvalorização moderna dos valores superiores continua o processo de negação da vida iniciado pela moral cristã e metafísica.

Continuando a análise de Machado (1997), a morte de Deus não assegurou a superação do homem necessariamente, pois ao matá-lo, o homem moderno colocou em seu lugar conceitos como "humanidade", "sociedade livre", "progresso" etc., que estão em continuidade com a concepção anterior. Permanece a presença das concepções idealistas na sociedade, o ateísmo, por exemplo, é um refinamento da vontade de verdade criada pelo platonismo e cristianismo. O mais drástico da substituição de Deus pelo homem reativo fora o desaparecimento de toda a vontade, de todo o valor, a acentuação da vontade de nada, a acentuação extrema da visão pessimista da vida. O que Deleuze (1965, p. 26) destaca a seguir, reafirma esta ideia:

> O niilismo significa que até a pouco: depreciação, negação da vida em nome dos valores superiores. E agora: negação dos valores superiores, substituição dos valores humanos, demasiado humanos (a moral substitui a religião; a utilidade, o progresso, a própria história substituem os valores divinos).

O super-homem está acima de qualquer forma de niilismo, é um afirmador, tanto que Zaratustra anuncia a seus discípulos o seu destino, superarem a si mesmos: "Quero ensinar aos homens o sentido de seu ser: que é o super-homem, o raio que rebenta da negra nuvem chamada homem" (NIETZSCHE, 2010, p. 44). O super-homem é um alvo a ser atingido, é uma exigência, não uma realidade, é um caminho, um rumo possível, um alvo que depende da vontade dos homens (MACHADO, 1997). O super-homem de Nietzsche é a superação de si, não a criação ou submissão a "coisas superiores" a nós mesmos, ele precisa ser superado porque pode construir o seu destino; em detrimento da

repetição ele aponta para a criação! O super-homem não é um modelo perfeito e estático, "um ser em si", mas um "poder ser".

Libertando-se de Deus, o caminho para o super-homem está aberto. O homem pode criar valores, criar sentidos para a terra, é o criador de novas tábuas de valor, "a cristalização criada pela religião e pela moral, fez do homem receptor de valores estabelecidos e não criador destes" (OLIVEIRA JÚNIOR, 2004, p. 170), o super-homem é uma alternativa para esta superação. A possibilidade de sair das sombras do conhecimento estabelecido, buscando novos horizontes, parece ser uma tarefa da educação. Analisemos, então, essa relação entre o super-homem e o ato de educar.

4 O super-homem e a educação como transformação

O super-homem não é uma realidade, é uma esperança, é a superação do homem idealista, do último homem, o niilista passivo[12] que já não acredita em nada (FINK, 1993). As possibilidades para a criação estão abertas, ultrapassar a si mesmo se tornou possível, eis a chance do homem!

Como já indicamos, o super-homem não é uma realidade acabada, é uma possibilidade, um destino. Nietzsche aponta Zaratustra como criador, ele não é o super-homem, mas é um pré-anúncio deste, pois remete ao homem que cria valores e cria o seu caminho da autossuperação. O super-homem é um afirmador trágico da vida, acolhe todas as dores sem rejeitar nem tentar mudar as experiências vividas, é um afirmador que diz sim dionisíaco ao universo se entregando a este sem limites (BARRENECHEA, 2008). Essa perspectiva de afirmação plena da existência é essencial para a educação, pois os verdadeiros criadores somente surgirão com um redimensionamento da cultura, da superação de uma visão de mundo subserviente. Desse modo, cabe a seguinte questão: o super-homem pode ser ensinado?

Para responder à pergunta, observemos que Nietzsche afirma nunca ter havido até hoje um super-homem. "Tenho visto nus todos os homens, desde o maior até o menor [...]. Parecem ainda demais uns com os outros. Na verdade, até o maior me pareceu que era demasiado humano" (NIETZSCHE, 2010, p. 88). Observemos que para o filósofo o super-homem nunca existiu. Isto traz outros problemas: como ensinar algo que não existe? Não seria esta atitude uma nova afirmação de uma entidade metafísica, de um ser

[12] Eugen Fink (1993, p. 71) afirma que o último homem é aquele que perdeu todo o idealismo, que já não ousa nada. É o niilista passivo que está farto do jogo da vida, dominado pela vontade de nada.

extramundano? Ou o super-homem não seria o homem atual melhorado, aperfeiçoado? Ambas as hipóteses são equivocadas. Nietzsche define o super-homem como *o sentido da terra* (NIETZSCHE, 2006), ele é um destino, uma possibilidade, uma meta. Ele deve ser compreendido "como um caminho possível, que depende da vontade dos próprios homens; que deve ser querido como um alvo para a humanidade" (MACHADO, 1997, p. 49). Desse modo, "o mais importante é desejar que o super-homem exista, é colocar-se a serviço de sua criação, por meio da autossuperação" (OLIVEIRA JÚNIOR, 2004, p. 188). As afirmações anteriores podem rebater o equívoco de compreender o super-homem como algo supra-humano, quanto à visão deste como um aperfeiçoamento do homem, Heidegger (2002, p. 92) traz uma importante elucidação:

> Não será preciso conduzir o homem atual para além de si mesmo [...]? Se assim é, então o super-homem, pensado corretamente, pode não ser produto de uma fantasia desenfreada e degenerada, turbilhoando no vazio. A natureza deste super-homem não se deixa, de modo algum, descobrir historicamente.

Retomando a questão posta no início do parágrafo, se o super-homem pode ser ensinado, Nietzsche indica que mais de uma vez na história este tipo superior surge isoladamente em diversas regiões da terra, manifestando-se como um tipo superior em relação ao conjunto da humanidade, constituindo uma espécie de super-homem; mas é como um fruto fortuito do acaso, sendo um tipo temível por excelência, temor que engendrou um tipo inverso, o animal doméstico, a enferma besta humana (NIETZSCHE, 1995). O surgimento casual desta espécie de homem superior, não deve ficar entregue ao puro acaso, mas esse valor mais elevado de homem deve ser buscado, logo, o super-homem é também obra do querer:

> Podemos criar as condições sob as quais uma tal elevação é possível [...]. O crescente apequenamento do homem é justamente a força propulsora para se pensar na criação [...] de uma raça mais forte, que teria seu excesso justamente ali, onde a espécie diminuída tivesse se tornado fraca e mais fraca [vontade, responsabilidade, certeza de si mesmo, poder instruir metas]. (NIETZSCHE, 2000, p. 17).

As condições para o surgimento do super-homem podem ser criadas, mas este não é um caminho simples, é árduo e exige disciplina. Zaratustra não é o super-homem, é aquele que anuncia o seu sentido, "ao sentir a ineficiência de seu ensinamento do super-homem, compreende que não se pode 'trans-formar' os demais, o seu ensinamento deve servir de 'inspiração', não de conversão" (OLIVEIRA JÚNIOR, 2004, p. 197). Desse modo, o ensinamento do super-homem não é para aqueles que estão confortáveis com a sua existência, conformados com a vontade geral. Para estes, "a educação não deve

determinar a tarefa, mas apenas propiciar o crescimento de potência e, consequentemente, a superação" (FREZZATTI JÚNIOR, 2006, p. 196). Ao ser ponte para o super-homem, o homem superior intensifica a vida; qual é o lugar, o ponto final dessa intensificação? Este não existe. Educar em função do super-homem é a busca constante pela autossuperação.

Qual a relação da perspectiva nietzschiana do super-homem com a educação? É importante salientar que não se trata de educação formal, voltada para a formação constituída nos bancos escolares, mas de uma perspectiva, de uma proposta de visão de mundo que pode ser encarada como educativa, por remeter a um estilo que difere e até mesmo contrasta, com aquele que prevalece em nossa cultura, que segundo Nietzsche, incentiva a decadência existencial e não a intensificação da vida. As doutrinas socráticas e platônicas e a sua vertente cristã são a base de interpretação de mundo em nossa cultura e contribuíram significativamente para a noção de uma formação humana. Formar remete a atingir um fim último, um objetivo, uma essência humana que é predominante nos sujeitos. Nessa visão, a educação teria a difícil tarefa de atingir tal essência. Nesse contexto, seria um equívoco falar em formação humana na concepção nietzschiana, pois como a sua filosofia se remete ao ser humano em constante mudança, em perene devir, só é possível propor um percurso de transformação, pois o super-homem não admite pensarmos em algo estático que a tarefa educativa deve se empenhar em atingir, mas remete à constante superação de si mesmo. O filósofo coloca em xeque as bases teóricas que sustentam o pensamento ocidental e, por consequência, as teorias educacionais decorrentes dessas *pedagogias.* Contribui para pensarmos essa questão o que escreve Rocha (2006, p. 273):

> Concebida como formação, a educação pressupõe o saber e o conhecimento: evidentemente, só se pode ensinar o que se sabe. Do ponto de vista de uma lógica da transformação, ao contrário, "o que se sabe" é precisamente o que deve ser superado, problematizado. A transformação implica um certo espaço para o não saber, pois, transformar-se é ser capaz de abrir mão do que se sabe, de deixar de ser aquele que sabe para experimentar o desconhecido.

A concepção de super-homem em Nietsche remete a uma pedagogia da transformação, não da formação. A primeira admite não ser coerente nos pautarmos em teorias que admitem pontos específicos pelos quais o comportamento humano deve ser fundamentado. Poderíamos dimensionar essa interpretação diante da atual visão limitada da formação humana que tem como base primordial o aprimoramento para assumir de forma competente as exigências do mercado. Nós humanos extrapolamos essa limitada

visão, a perspectiva da transformação que aponta a visão de super-homem indica: o homem é mais que as relações mercadológicas, aliás, ele é superior a elas e pode, assim, recriar modelos novos de vida através de sua capacidade criativa, pois se existe nele algo que "permanece" é a capacidade de ir além, de superação constante. Na perspectiva da transformação, há a possibilidade de criar o próprio caminho, de manter uma vida de constante invenção, o "'conhece-te a ti mesmo' dá lugar a um 'inventa-te a ti mesmo'" (ROCHA, 2006, p. 272).

O que Nietzsche considera grande no homem é este ser uma passagem para o super-homem. Ele aponta não apenas para um sonho, mas para uma efetiva possibilidade de superação que está presente em toda a natureza. Os criadores surgirão mais facilmente, a partir do redimensionamento da cultura, da superação de uma visão de mundo pautada em velhos valores. A concepção de super-homem leva a um modo afirmativo de pensar a humanidade. Para Gilles Deleuze (1976, p. 76), "o super-homem define-se por uma nova maneira de sentir [...] um tipo diferente do tipo humano [...]. Uma nova maneira de pensar [...]. Uma mudança e uma inversão no elemento do qual deriva o valor dos valores, uma 'transvaloração'". A proposta educativa que brota a partir da concepção de super-homem, é a de apontar para algo totalmente novo, diverso, uma nova estruturação da vida e da cultura, sustentada em parâmetros estabelecidos pelo próprio homem, ele pode redimensionar objetivamente o seu lugar no mundo.

Referências

BARRENECHEA, Miguel Angel. **Nietzsche e a liberdade**. Rio de Janeiro: Ed. 7 Letras, 2008.

BARRENECHEA, Miguel Angel. Notas sobre política nietzscheana (mensagem pessoal). Mensagem recebida por amorim@sabraego.com.br. 2003. In: OLIVEIRA JÚNIOR, José Amorim de. **Nietzsche, super-homem e superação***:* uma abordagem política. Goiânia: Alternativa, 2004.

BARRENECHEA, Miguel Angel. O questionamento radical da pedagogia moderna: Nietzsche e a proposta de uma transformação fundamental. In: GOUVEA, G. et al. (Org.). **Escritos sobre educação**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2006. p. 125-136.

BARRENECHEA, Miguel Angel. **Nietzsche e o corpo**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2009.

DAMASCENO, Letícia. A fidelidade a terra, phatos afecções e o corpo trágico em Nietzsche. **Morpheus*:* Revista Eletrônica em Ciências Humanas, n. 13, 2008.**

DELEUZE, Gilles. **Nietzsche. Lisboa: Ed 70, 1965.**

DELEUZE, Gilles. **Nietzsche e a filosofia**. Rio de Janeiro: Editora Rio, 1976.

DIAS, Rosa Maria. **Nietzsche educador**. Rio de Janeiro: Scipione, 1998.

FINK, E. **A filosofia de Nietzsche**. Lisboa: Presença, 1993.

FREZZATTI JÚNIOR, Wilson Antônio. **A fisiologia de Nietzsche**: a superação da dualidade cultura/biologia. Rio Grande do Sul: Ed. Unijuí, 2006.

HEIDEGGER, Martin. **Ensaios e conferências**. Tradução de Emanuel carneiro Leão, Gilvan Fogel e Márcia Sá Cavalcante Schuback. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

MACHADO, Roberto. *Zaratustra*: tragédia nietzschiana. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997.

MARTON, Scarlett. **Nietzsche**: das forças cósmicas aos valores humanos. São Paulo: Brasiliense, 1990.

NIETZSCHE, Friedrich. **Correspondências com Wagner**. Apresentação de Elizabeth Foerter-Nietzsche, Lisboa: Guimarães Editores, 1990.

NIETZSCHE, Friedrich. **Ecce homo**: como alguém se torna o que se é. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

NIETZSCHE, Friedrich. **Cinco prefácios para cinco livros não escritos**. Tradução de Pedro Sussekind. Rio de Janeiro: Ed. Sete Letras, 1996.

NIETZSCHE, Friedrich. **Humano demasiado humano**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

NIETZSCHE, Friedrich. **Fragmentos do espólio**. Seleção, tradução e prefácio de Flavio R. Kothe. Brasília: Editora UnB, 2004.

NIETZSCHE, Friedrich. **Assim falou Zaratustra: um livro para todos e para ninguém.** Tradução de Mario da Silva. 18. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

OLIVEIRA JÚNIOR, José Amorim de. **Nietzsche, super-homem e superação***:* uma abordagem política. Goiânia: Alternativa, 2004.

ROCHA, Silvia Pimenta. Tornar-se quem se é: educação como formação, educação como transformação. In: BARRENECHEA, Miguel Angel de et al. (Orgs.). **Nietzsche e os gregos**: arte, memória e educação. Assim falou Nietzsche V. Rio de Janeiro: DP&A, 2006. p. 267-278.

VIEIRA, Samantha A. M. M. **A perspectiva Nietzscheana sobre a criação de valores na educação**. 2011. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011.

Recebido em 12-09-2015
Aprovado em 10-12-2015